

## Colocar o Homem no Centro das Ciências Sociais: Abraçar e Estudar a Subjectividade para Ser Objectivo

Isabel Camalhão<sup>1</sup>, Serafim Camalhão<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED) Instituto de Educação – Universidade Lusófona, Portugal; isabelferreira66@hotmail.com

<sup>2</sup>Mestre em Sociologia ISCTE IUL, Portugal; serafimleopoldo@hotmail.com

**Resumo.** Este artigo constitui-se como um manifesto contra a desumanização das Ciências Sociais em nome de uma objectividade, predictividade e replicabilidade. O ser humano é transformado em padrões, números, diagramas e outras representações gráficas em que ficam apenas os resultados finais, os quais, negligenciam o pequeno grupo, o indivíduo e mesmo o investigador. Neste processo perde-se o conhecimento dos seres humanos que estão por detrás da produção científica, no que se designa como a morte do Homem na ciência, como se este nunca tivesse existido. A proposta apresentada é um esboço que junta aparentemente duas metodologias incompatíveis, a *Grounded Theory* Clássica e a Auto etnografia, com o objectivo de revelar os mecanismos de decisão e análise dos dados de qualquer investigador, sem ter que se preocupar com quaisquer preconceções, neste caso do campo, metodologia e teoria. O objectivo é revelar tudo que o investigador traz para a investigação sem preconceitos.

**Palavras-chave:** Ciências sociais, Homem, *Grounded Theory*, auto etnografia e subjectividade

### The return of Men to centre of Social Sciences: Embrace and study subjectivity to be objective

**Abstract.** This article is a manifest against dehumanisation of Social Sciences, in name of objectivity predictability and replicability. The human being is transformed in patterns, numbers, diagrams and others graphic representations, on which, neglect the small group, the individual and even the researcher itself. In this process the knowledge of human beings that are behind scientific production gets lost, in what we call the death of man in science, as if had never existed. This proposal, is a sketch that combine two apparently incompatible methodologies Classic *Grounded Theory* and autoethnography, with the objective that seek to reveal the decision mechanism and data analysis of any researcher without having to worry with preconceptions, in this case in the field, methodology and theory. The objective is reveal all that the researcher brings to research without prejudice.

**Keywords:** Social sciences, Mann, *Grounded Theory*, autoethnography and subjectivity.

## 1. A Subjectividade do Investigador como Objecto de Estudo

Este artigo é um primeiro esboço que pretende construir uma metodologia centrada no investigador, como objecto de estudo, pondera-se naquilo que o investigador transporta para a investigação quer de forma objectiva, quer subjectiva, designadamente utilizando a auto etnografia e relacionando todos os aspectos da vida pessoal e profissional com o processo de pesquisa. Após anos de leituras, verificámos a tendência para a morte do homem nas Ciências Sociais e Humanas, cabendo ao sujeito estudado e o que estuda, desaparecerem em nome de um pseudo conhecimento neutro, objectivo e generalizável. O ser humano é reduzido a uma coisa, a um padrão, a uma abstracção ou raciocínio lógico e o investigador convidado faz com que se não note a sua presença. No nosso entender não basta criticar. É preciso fazer reviver o Homem em todo o seu esplendor num mero esboço em construção de uma metodologia que junta Auto etnografia e *Grounded Theory* Clássica.

## 2. Subjectividade, Bias, Bom Senso e Reflexividade

Ao longo de todo trabalho científico, o ser humano que cria conhecimento lida com a sua subjectividade, utiliza o seu bom senso e reflexividade, mas parte sempre do seu *bias*<sup>1</sup>. Na verdade, não há ciência sem sujeito e esta não é totalmente objectiva e racional, mas apenas parcial. O que se entende por cada um destes termos?

A subjectividade numa perspectiva clássica, é composta pelos juízos de valor que podem colocar em causa a investigação (Weber, 1979). Representa um elemento que não foi organizado e sujeitos ao crivo da teoria. A visão mais próxima da realidade é que a subjectividade é uma valoração que pode ser objecto de investigação (Myrdal, 1976), acabando por entra na pesquisa mais racional e objectiva. O outro termo é *bias*, (Stake, 2010; Patton, 2015; Hammersley & Atkinson, 2007) é tudo o que investigador leva para a investigação, independentemente de contribuir para validar ou invalidar a mesma. Para os autores deste artigo, este não tem que ser bom ou mau, mas influencia o decurso da investigação, através dos seus valores e crenças. O problema deste termo, não se relaciona com a objectividade e subjectividade, mas sim com a verdade, é conduz a conclusões e resultados que não têm a ver com o que está a ser estudado, mas com valores e crenças dos investigadores.

O bom senso é uma decisão que surge num dado momento da investigação, baseado na sua experiência concreta. Trata-se de uma capacidade de tomar as decisões mais ajustadas perante uma situação concreta e com informação limitada (Crozier & Friedberg, 1977). No campo da técnica, o investigador utiliza esta capacidade para adequar os instrumentos de pesquisa ao terreno (Almeida & Pinto, 1990). E isto é especialmente verdade no campo da etnografia, onde a recolha de dados depende da integração do investigador nas comunidades que estuda (Hammersley & Atkinson, 2007). Independentemente de se estar numa abordagem qualitativa ou quantitativa, o bom senso está acima das teorias, metodologias, métodos e técnicas (Ghiglione & Matalon, 1992).

Os três termos indicam a necessidade de reflexividade em todo o processo de investigação. Yin (2011) com referência a Webb et al (1981), indica a necessidade do investigador tomar consciência das suas interações, na compreensão do outro, assim na uma forma de evitar uma intervenção inapropriada. O comentário possível é que esta pode ser utilizada, quer como um instrumento que revela o papel do investigador, como pode servir para o apagar em todo o processo de investigação.

## 3. Um Método Adaptado à Subjectividade.

Propomos neste artigo voltar às metodologias, métodos e a técnicas que produzem conhecimento. Estão envolvidas duas metodologias principais a *Grounded Theory* Clássica e a Auto etnografia, e outras que lhes estão associadas.

A escolha da *Grounded Theory* Clássica (Glasser, 1998) deve-se ao facto de ser uma metodologia completamente baseada no investigador, que parte para o campo apenas com uma área de interesse. Mas encontra-se limitada (Glasser, 2013) no sentido, em este deve teorizar partindo dos dados, evitando preconceções, quer de quem investiga, quer da teoria. O investigador funciona como um instrumento de análise e recolha dos dados através da sua sensibilidade teórica. As primeiras impressões vão sendo corrigidas e substituídas pelos dados fornecidos pelos participantes. A atenção deve estar no campo e nos dados, objectivamente, não no investigador nem na literatura.

<sup>1</sup> *Bias*, este termo é considerado pelos autores intraduzível, a palavra preconceito não correspondem totalmente ao termo, no sentido deste artigo são a todos os elementos que fazem parte do ser humano e suas características antes de qualquer juízo de valor, exame crítico ou tomada de consciência, podem prejudicar ou beneficiar uma investigação em Ciências Sociais e Humanas.

O primeiro problema surge porque invertemos o objecto de estudo que é o investigador com toda a carga subjectiva que o acompanha no processo de investigação. O compromisso encontrado coloca como objectivo, o estudo dos mecanismos ligados à sensibilidade teórica.

O segundo problema é que a *Grounded Theory* Clássica está orientada para o trabalho de campo (Glasser & Strauss, 1967). São passíveis de ser estudados outros objectos, desde que se juntem contribuições de outras metodologias (Clarke, 2005) mas se não houver cuidado, esta mistura pode afasta-se demasiado da origem. O problema é que estudar a subjectividade, perceber o que está por trás opções dos investigadores, implica juntar outras contribuições, como a auto etnografia e contribuições da fenomenologia e construtivismo. No máximo está a construir-se uma metodologia para um dado fim, e pode-se fazer, segundo a forma clássica embora isso implica dialogar com o *Grounded Theory Institute*.

A natureza do objecto de estudo, implica aceitar a existência de elementos predefinidos. O primeiro é a área de interesse, o tema, seguem-se as normas de apresentação de trabalhos científicos que estão formatadas, estandardizadas por si, obrigando o investigador a responder a um conjunto predefinido de itens. Assemelha-se assim a uma análise temática, (Saldaña, 2014). Na tradição francesa e anglo-saxónica, esta estrutura (Beaud, 2006; Quivy & Van Campenhoud, 2011 ; Rossmann & Rallis, 2012) é composta pelos seguintes elementos: A escolha de um tema, objectivos, justificação, um problema, pergunta de partida, um enquadramento teórico (com excepção da *Grounded Theory*), hipóteses, proposições ou asserções teóricas, uma metodologia, trabalho de campo, análise dos dados e conclusões. Nenhum ponto desta estrutura determina qualquer conteúdo. Serve apenas para incluir os elementos aparentemente subjectivos que estiveram presentes no trabalho realizado.

A Auto etnografia é uma resposta à necessidade de conhecer o investigador em todas as suas dimensões no contexto de investigação. A auto etnografia, segundo Chang (2008, pp. 9 - 29), é uma metodologia, que combina dados autobiográficos com a etnografia. O investigador parte da sua cultura individual, ou seja, a forma como partilha a sua experiência cultural, fruto da pertença a grupos com valores distintos reflecte-se na forma como analisa e interpreta os dados de um dado contexto sociocultural.

A contribuição da etnografia, segundo Ellis (2004), significa que o investigador necessita de se envolver com os lugares e as pessoas, posicionando-se em cada situação, nomeadamente, reavivando as memórias latentes que lhes estão associadas. A subjectividade é um elemento importante, quer na recolha de dados quer na sua interpretação. dos dados. Isto significa fazer a interpretação na primeira pessoa, incluindo um envolvimento numa relação reflexiva entre participantes e investigadores. Denzin (2014) indica que fazer auto etnografia é explorar a performance, dar voz e revelar a experiência vivida do investigador no campo. Este visita o seu passado como forma de perceber as suas decisões, compreender os participantes e situações na sua multiplicidade. Permite dar uma visão evolutiva do percurso de investigação através dos seus significados, descobrindo o sujeito que está atrás da produção científica. A Auto etnografia dirige-se à subjectividade (Adams, Jones & Ellis, 2015) e envolve sentimentos dos investigadores com as suas atitudes e crenças sobre um fenómeno cultural e experiências particulares que permitem dar sentido a situações similares. Envolve ainda uma necessidade de reflexividade com o investigador, para perceber como é que ele pode influenciar o campo de pesquisa. Trata-se de uma experiência pessoal que permite uma visão única e interior de um fenómeno, uma experiência critica daquilo que se observa e como o investigador é visto nas trocas culturais que acontecem.

#### 4. A Combinação de Duas Metodologias

A proposta principal visa juntar *Grounded Theory* Clássica com auto etnografia. E como podemos fazê-lo? O início é marcado pela auto etnografia, já que há uma transposição de técnicas ligadas à auto etnografia (Chang, Ngunjiri & Hernandez, 2013) centradas na recolha de dados pessoais. Correspondem a uma recolha sobre memórias pessoais, materiais de arquivo, auto-avaliação, autorreflexão, auto análise e entrevista. Trata-se assim de uma pesquisa em geral a instrumentos de registo e recolha de dados, designadamente, pesquisa documental, observação, diário de campo, escrita de *memos* e entrevistas. No centro da atenção de toda a investigação está o investigador que, em cada momento, tem que se posicionar e explicar as suas decisões.

Neste campo não nos fechamos em nenhuma metodologia. O importante é que fique a ganhar o conhecimento do investigador, seja qual for a opção. Na pesquisa qualitativa em geral que incluímos as formas de *Grounded Theory* pós-modernas como a *Constructivist Grounded Theory* (Charmaz, 2014), onde a reflexividade (Yin, 2011) é um processo que está constantemente presente ao longo do trabalho de campo, consciente que a sua intervenção afecta o meio em estudo. No caso da *Grounded Theory* Clássica (Glasser, 2003), o problema da reflexividade é resolvido pela eliminação constante dos elementos que não fazem parte do campo, até ficar apenas uma teoria abstracta com os elementos que lhe correspondem. Queremos afirmar que nenhuma abordagem das Ciências Sociais pode fechar-se sobre si mesma. Todas são complementares.

A primeira via é composta por uma estratégia onde se conjugam duas investigações: uma dedicada ao campo em estudo e, outra, dedicada a uma auto etnografia ligada aos aspectos subjectivos dos investigados. Os métodos e técnicas utilizados em ambas acontecem em simultâneo. São muitas vezes os mesmos, complementando-se, podendo ambas as investigações fazerem menção uma à outra, apesar de distintas. No campo da etnografia e também da auto etnografia (Chang, Ngunjiri & Hernandez, 2013), está o diário com as notas de campo, observação e as entrevistas. Acrescenta-se ainda a utilização *memos* de analíticos (Saldaña, 2011) como forma de reflectir sobre o trabalho efectuado. No caso dos *memos* e notas de campo, estas são efectuadas para este fim, capturar a subjectividade do investigador em todos os momentos. Hammersley & Atkinson (2007) notam que as notas de campo, são selectivas e existem em função do problema de pesquisa. Pode alargar-se esta ideia às restantes técnicas, para concluir que o foco não é o campo, mas sim o investigador sente, envolve, pensa e a forma como resolve os problemas que surgem.

Na *Grounded Theory* Clássica, procuram-se evitar as preconceções (Glasser, 2013). Mesmo no recurso à literatura é recomendado que ocorra na fase codificação teórica, isto é, no final da pesquisa. A impressão que fica da aplicação da auto etnografia, no sentido pretendido dar-se-á apenas após terminar a pesquisa. O investigador terá, nesse sentido, de não deitar nenhuma informação fora e juntar ainda mais alguma de natureza biográfica. Chang (2008) indica documentos oficiais, pessoais como diários, poemas ou documentos escritos. Estando o estudo delimitado pela investigação efectuada, incluem-se notas de campo, *memos*, o diário de campo, estudos previamente efectuados, como projectos e artigos científicos do investigador. Esta atitude pretende evitar conflitos com dois aspectos que marcam esta metodologia (Glasser, 1998): a interferência de preconceções, forçando os dados a aspectos que não fazem parte do campo e, por outro lado, a parcimónia, devendo restar aquilo que é importante na pesquisa, de modo a evitar perdas de tempo. Quando se parte para o campo com apenas uma pergunta de partida e uma área de interesse, é necessária muita disciplina e método. Não nos podemos perder em tudo o que faz parte do campo, mas não especificamente o que estamos a estudar. Esta segunda via será então a reconstituição da pesquisa pela análise dos elementos pessoais. Neste sentido (Glasser, 2014) explicita que, não se deve classificar ou apagar *memos*. No final revelarão problemas, dúvidas, soluções e explicações sobre a pesquisa.

#### 4.1. Os Três Princípios que Regem esta Investigação

Antes de entrar em aspectos mais substantivos, inspirados nos axiomas utilizados por Lincoln & Guba (1985), é necessário perceber os três princípios que regem esta proposta de investigação:

O primeiro princípio, é o da assunção da subjectividade, onde o investigador nem por motivos sociais, nem teóricos ou metodológicos deve censurar quaisquer pensamentos, tendências, reflexões ou juízos de valor. Inspirados na *Grounded Theory*, (Glasser, 2013), o objecto de estudo são as preconcepções do investigador e importa não forçar estes dados quer, na literatura, quer em categorias do campo (Glasser, 1998).

O segundo princípio é o da subjectividade objectivada e objectividade subjectiva. A ciência exprime-se sob a forma de proposições, asserções e hipóteses, enunciados lógicos, objectivos e racionais (Miles, Hubermann & Saldaña, 2014). Weber (1979) reforça esta ideia indicando que, a ciência, utiliza juízos de valor, transformando-os em dados objectivos, reinterpretando o que é afirmado de uma forma positiva. A comunicação dos resultados tem assim que estar formatada numa linguagem académica. Charmaz (2014) indica que a subjectividade é utilizada para obter uma interpretação mais próxima da realidade, está assim objectivada. A objectividade subjectiva, Crozier & Friedberg (1977) apresenta o princípio da racionalidade limitada, segundo o qual, os actores tomam as suas decisões com informação incompleta. Kuhn (1998) indica que paradigmas que regem as comunidades científicas falham e por isso mudam. Popper apresenta o critério da falsificação como condição para que um enunciado seja científico, logo subjectivo, Merton (1968) apresenta as teorias de médio alcance indicando que o alcance dos resultados obtidos é limitado e a serendipidade<sup>2</sup> que o investigador não se deve ficar pelos enunciados, mas observar o que passa no campo. Por último, Feyerabend (1991) explicita que nem sempre a razão está na origem do desenvolvimento da ciência, mas na capacidade de abandonar metodologias e métodos de raciocínio estabelecidos, arriscando novas abordagens.

O terceiro princípio do equilíbrio entre as abordagens. Além da objectividade e da subjectividade está presente a verdade, embora esta característica não seja propriedade de uma metodologia, mas deva ser ínsita a qualquer abordagem nas ciências sociais. A auto etnografia (Chang, 2008) tem por centro a cultura individual do investigador, (acrescenta-se o percurso e cultura científica). Flick (2007) indica que os investigadores se dividem entre o realismo e construtivismo. Reflectindo sobre ambas as abordagens, o investigador já encontra uma realidade que o condiciona, e não deixa de ser verdade que a sua acção pode transformar a comunidade e o mundo que o rodeia. A estes dois pontos de referência junta-se a fenomenologia (Husserl, 2014), que questiona o conhecimento, centrado no ser humano que conhece, experimenta e produz significado e por último o pragmatismo que segundo Strauss & Corbin (1998) com base em Blumberg, Mead e Dewey, contribui com uma visão prática da acção humana, segundo a qual todas as variações são reduzidas pela circunstância e situação concreta em que cada um se encontra.

Podia resumir-se estes três princípios a um só: a ausência do certo ou errado. Verdadeiramente interessa apenas a verdade do sujeito que investiga. Embora subjectiva, parcial, ele decide dentro de um contexto muito específico o modo como se faz ciência. O objecto de estudo em questão é único, de difícil apreensão, e ligado a um contexto muito específico. Apesar de considerarmos todas as formas de pesquisa legítimas, excluimos a abordagem quantitativa, já que o estudo da subjectividade de um investidor no contexto de investigação dificilmente é generalizável ou replicável. A única ambição que nos propusemos, consiste em perceber como é que um investigador produz conhecimento, ou utiliza a sua sensibilidade teórica.

---

2 Serendipidade é o termo utilizado por António Firmino da Costa (1985, p. 735) que citando merton o define como “*se refere à experiência bastante comum da observação dum dado imprevisto, anómalo e estratégico, que se transforma em causa para o desenvolvimento de nova teoria ou para a ampliação de uma teoria já existe*”.

## 4.2. As Duas Vias da Metodologia Qualitativa

No âmbito das metodologias qualitativas a investigação pode ser pensada seguindo duas vias: a indução analítica e a abdução na forma que é entendida pela *Grounded Theory* Clássica. A indução analítica, tendo como um dos seus fundadores, Florian Znaniecki (1934, pp. 249 - 262), acredita que apesar de ter as mesmas exigências e estruturas das ciências, as hipóteses e enunciados de partida são avaliados de forma evolutiva, acrescentando algo aos dados, não se limitando a comprovar ou refutar as mesmas. Na fenomenologia Wertz (2011) com base em Giordi (1985, 2009) apresenta uma estrutura que é comum a qualquer pesquisa. No construtivismo, Lincoln & Guba (2013), por seu lado, apresenta a mesma ideia, mas colocando em relevância um paradigma teórico. A auto etnografia que tem por fim estudar a presença de aspetos pessoais na investigação acompanha uma investigação específica, não se tornando necessário juntar mais elementos bibliográficos aos já existentes, excepto em caso de necessidade. A estrutura formal de uma investigação serve para colocar os elementos que um ser humano sente, vive, pensa e experimenta. Assiste-se à sistematização de elementos de natureza subjectiva para, no final, comparar quer os resultados, quer a literatura, os quais podem enriquecer o trabalho de investigação.

A abdução, está associada à *Grounded Theory* embora o termo utilizado (Glasser & Strauss 1967) originalmente seja indução analítica. Segundo Peirce (1974, p. 106), trata-se de um processo de formar hipóteses, combinando indução e dedução, como forma de abarcar todas as explicações sobre a realidade. Observamos que é um processo mental muito usual, a indução procura todas as explicações sobre algo. A dedução trata de as reduzir sob a forma de hipóteses. Reichertz (2014) indica que a abdução não tem uma estrutura, é um ciclo onde se vão testando as hipóteses ao longo da investigação. Ainda segundo este autor, a abdução parte do campo, da realidade estudada, e procura a descoberta, retirando o significado e conteúdo das coisas em si mesmas. Utilizar a *Grounded Theory* Clássica para estudar a subjectividade do ser que conhece e investiga é uma vantagem, porque a abdução, parte das emoções, características, experiências, valores entre muitos outros aspetos que não se delimitam *apriori*, mas que se vão descobrindo e acrescentando. A subjectividade do investigador, implica adaptações metodológicas, propõe-se assim realizar compromissos com outras áreas, nomeadamente a fenomenologia e o construtivismo.

## 5. O Ponto de Partida da Investigação

A investigação começa com uma área de interesse e uma pergunta de partida (Glasser, 1992). A principal diferença entre ambas é que a primeira corresponde ao que o levou a escolher o tema, enquanto que a segunda questão é aquela que colocou a nível pessoal e está por trás da pergunta formal. O investigador vai para campo com as primeiras observações, a partir dos quais, constroi os primeiros enunciados, explicações e impressões que são sempre provisórias e nunca formalizadas (Stern & Porr, 2011). No nosso caso, faz-se uma pequena cedência com elementos da fenomenologia, já que estes elementos provisórios devem ser revelados para análise.

O processo de análise, (Glasser, 1998) e recolha de dados não difere do que se faz nesta metodologia. A recolha e análise de dados acontecem em simultâneo, e além das técnicas usadas no terreno, são acompanhadas de *memos*. A investigação passa assim por três fases: codificação aberta, codificação selectiva e teórica. Na prática são apenas duas: uma em que se constitui uma teoria substantiva e a segunda uma teoria formal. No caso, da subjectividade do investigador, na teoria substantiva estão apenas os elementos referentes ao investigador com as suas decisões, ao longo da pesquisa. Na teoria formal complementa-se a informação com elementos biográficos, como diários, trabalhos anteriores,

opções bibliográficas e publicações, entre outras. O objetivo é perceber como surgem processos associados à sensibilidade teórica, podendo perceber-se como se chegaram àqueles resultados.

Também há que reaquacionar os termo saturação teórica. A saturação apenas é possível se o investigador tiver uma grande carreira, e tiver reunido ao longo da vida muitos elementos autobiográficos, e não ter deitado fora as notas de campo, observações e memos provisórios. A saturação teórica é sempre parcial, corresponde em apenas aos elementos centrais, em função da investigação realizada. A teoria produzida, ou os elementos transformados em abstrações teóricas, são representativos apenas do investigador num dado contexto. Os conceitos podem, no entanto ser utilizados onde se mostrem úteis. A *Grounded Theory* Clássica procura resolver a principal preocupação dos participantes e procura a categoria central, que estrutura as restantes categorias e as suas propriedades. No caso presente estão as principais preocupações dos investigadores e revelação qual a sua construção conceptual.

Falta indicar os aspetos sobre as técnicas utilizadas numa auto etnografia centrada no campo da investigação.

A utilização de *memos* (Glasser, 2014) e notas de campo (Saldaña, 2011) são recursos importantes e transversais, qualquer que for o caminho escolhido. São elas que permitem registar observações, considerações e aspetos analíticos. A sugestão apresentada está na possibilidade de fazer notas e *memos* de todos os elementos de pesquisa, incluindo dos próprios *memos* e notas.

A entrevista surge aqui num duplo sentido. Em primeiro lugar, como fonte documental presente nas perguntas efectuadas no trabalho de campo, assim como das reações e observações que os participantes, colegas e professores fizeram sobre o investigador (Chang, 2008) Em o segundo lugar como forma de auto observação, embora a fonte seja o próprio que se questiona a si mesmo. Esta é uma adaptação da técnica da entrevista de cada um a si mesmo. Parte-se da metáfora utilizada por Kvale (2007, pp. 19 - 20) aplicada ao investigador: este funciona é como um viajante ou mineiro que percorre a sua investigação revelando a sua geografia, onde, quando e como, para escavar depois. Procura aprofundar o que vê e observa tornando consciente o que é inconsciente. O questionar-se neste ponto é seguir a proposta de Foucault (1969), onde o investigador recorre ao método arqueológico para reconstituir todo o processo de conhecimento que lhe está associado, a formação do discurso, objetos, enunciados, conceitos, estratégias, e quais são as suas observações e consequências. A última contribuição para entrevista, está na subjectividade, Charmaz (2014). Ela indica a necessidade de utilizar a sua memória e experiências em situações para compreender os entrevistados, Anderson (2011, pp. 247 - 248) fala da importância da intuição, e aqui trata-se pura e simplesmente de reconhecer e torna-la consciente no processo de investigação nomeadamente, a experiência psíquica, a forma como a intuição se forma, a empatia e colocar-mo-nos no lugar do participante.

## 6. A Questão Central

A questão central está presente nesta proposta, não reside na forma, mas sim no objetivo que é estudar a subjectividade do investigador no campo da investigação concreta. Explica-se assim que, nós autores, quebrando a formalidade científica, convidamos quem a experimentar que lhe dê a forma com que mais se identifique. Independentemente de aspetos formais necessários para comunicar a ciência, isto é entender e ser entendido, defendemos que a formalidade não assuma uma forma de censura prévia a quaisquer dados por mais dissonantes que pareçam. E o que se pretende? A resposta não está no resultado mas sim na análise efetuada. É um exercício semelhante ao que Dey (1999) efetuou para fundamentar a *Grounded Theory*. Utilizando Harnard (1987), Medin & Brasalou (1987) e Lakoff (1987), procurou apresentar todas as formas de categorização. A categorização é um processo

que se faz por justaposição, união, interseção, de categorias, num processo complexo onde estão as experiências dos participantes. Por exemplo, no caso dos aborígenes australianos, as categorias são classificadas segundo a noção de perigosidade, o que significa que uma mesma classe como peixes e animais podem estar em várias categorias. O que se quer afirmar é que independentemente da forma que o trabalho tome, as classificações de uma auto etnografia desta natureza tem que reproduzir na categorização e classificação a experiência do investigador e não da teoria ou do campo. O objetivo da análise é reproduzir as representações mentais, categorização, classificação e imagem conceptual do investigador no seio de uma investigação que não pode ser virtual ou simulada, mas aplicada a um campo concreto.

## 7. Conclusões

O que é que se pode perceber desta proposta que fazemos à comunidade científica? A primeira ideia é que não desprezem o indivíduo que investiga na sua subjectividade. Ele manifestar-se-á, quer queiram quer não. A segunda é que há muito a ganhar em explicitar o conhecimento da subjectividade no trabalho científico, pois sem isso é como se tivéssemos um vazio nos processos de conhecimento. Por último, afirmar que, comparando os resultados da investigação pessoal, com o campo e com a literatura teremos um quadro completo. A subjectividade tem que ser objectivada para ser percebida, assim como a objectividade nunca perde totalmente a sua subjectividade, isto é, diz sempre respeito e a um sujeito a um contexto concreto e único. Tal como Znaniecki (1934) já dizia as ciências da cultura são diferentes, contextualizadas, inesperadas e aprende-se ajustando.

Todavia, a abordagem proposta tem limitações. Na literatura fala-se em grandes teorias, e teorias de médio alcance. Aqui falamos em teorias de aprofundamento de situações concretas, já que não se tem a ambição de generalizar, tão pouco de replicar ou de reproduzir esta informação. Os resultados sob a forma conceptual, podem ser utilizados noutras pesquisas. Mas se mais estudos se fizerem então poder-se-ão generalizar, ao que Lincoln & Guba (1985) chamam de generalização naturalística. O essencial é criar conhecimento, verdadeiro e autêntico.

## Referências

- Adams, T. E., Jones, S. H. & Ellis, C. (2015). *Autoethnography: Understanding Qualitative Research*. Oxford: Oxford University Press.
- Anderson, R.(2011). Intuitive Inquiry: Exploring the Mirroring Discourse of Disease. In Wertz, F. J., Charmaz, K., McMullen, L. M., Josselson, R., Anderson, R. & McSpadden, E. (Ed.). *Five Ways of Doing Qualitative Analysis* (pp. 243 - 278). London: The Guilford Press.
- Beaud, M. (2006). *L'Art de la Thèse: Comment préparer et rédiger un mémoire de master, une these de doctorat ou tout autre travail universitaire à l'ère du Net* (Nouvelle Édition). Paris: La Découverte.
- Chang, H. (2008). *Autoethnography As Method*. Walnut Creek: AltaMira Press.
- Chang, H. N., Ngunjiri, F. W. & Hernandez, K-A. C. (2013). *Collaborative Autoethnography*. Walnut Creek: AltaMira Press.
- Charmaz, K. (2014). *Constructing Grounded Theory*. (2ª Ed.) London: Sage Publications, Ltd.



- Clarke, A. E. (2005). *Situational Analysis: Grounded Theory After the Postmodern Turn*. London: Sage Publications, Ltd.
- Costa, A. F. (1985). Espaços urbanos e espaços rurais: um xadrez em dois tabuleiros. *Análise Social*, vol. XXI (87-88-89), 3.º-4.º-5.º, 735-756
- Crozier, M. & Friedberg, E. (1977). *L'Acteur et le système: Les contraintes de l'action collective*. Paris: Editions du Seuil.
- Denzin, N. K. (2014). *Interpretative Autoethnography*. (2nd ed.). Thousand Oaks, SAGE Publication, Inc.
- Dey, I. (1999). *Grounding Grounded Theory: Guidelines for Qualitative Inquiry*. Houward House: Emerald Group Publishing, Limited.
- Ellis, C. (2004). *The Ethnographic I: A Methodological About Autoethnography*. Walnut Creek: AltaMira Press.
- Feyerabend, P. (1991). *Adeus à Razão*. Lisboa: Edições 70
- Flick, U. (2007). *Designing Qualitative Research*. London: Sage Publications, Ltd.
- Foucault, M. (1969). *L'Archéologie du Savoir*. Gallimard.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O Inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora
- Glasser, B. G. (2014). *Memoing: A Vital Grounded Theory Procedure*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glasser, B. G. (2013). *No Preconceptions: The Grounded Theory Dictum*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glasser, B. G. (2003). *The Grounded Theory Perspective II: Description's Remodeling of Grounded Theory Methodology*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glasser, B. G. (1998). *Doing Grounded Theory: Issues and Discussions*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glasser, B. G. (1992). *Basics of Grounded Theory Analysis*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glasser, B. G & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. New York: Aldine.
- Grawitz, M. (1996), *Méthodes des sciences sociales* (10<sup>e</sup> Ed.). Paris; Dalloz.
- Hammersley, M. & Atkinson, P. (2007), *Ethnography: Principles in Practice* (3<sup>rd</sup> Ed.). London: Routledge.
- Husserl, E. (2014). *A Ideia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.
- Kuhn, T. S. (1998). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. (2<sup>a</sup> Ed. ) São Paulo: Editora Perspectiva.
- Kvale, S. (2007). *Doing Interviews*, London, Publications, Ltd.
- Lincoln. Y. S. & Guba, E. G. (2013) *The Constructivist Credo*. Walnut Creek: Left Coast Press.
- Lincoln. Y. S. & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic Inquiry* . London: Sage Publications, Ltd.

- Miles, M. B, Huberman A. M. & Saldaña, J. (2014). *Qualitative Data Analysis: A Methods Sourcebook*. (3rd Ed). London: Sage Publications, Ltd.
- Merton, R. K. (1968). *Social Theory and Social Structure*(Enlarge Editions). New York: The Free Press.
- Myrdal, G. (1976). *A Objectividade nas Ciências Sociais*. Lisboa: Assirio & Alvim.
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative Research & Evaluation Methods: Integrating Theory and Practice*. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc.
- Peirce, C. S. (1974). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vol. 5-6. Hartshorn et. al. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University of Marburg
- Popper, K. (2002). *The Logic of Scientific Discovery*. London: Routledge.
- Quivy, R & Van Campenhoud, Luc (2011). *Manuel de Recherche en sciences Sociales*. (4<sup>a</sup> Ed.). Paris: Dunod
- Reichertz, J. (2014). Induction, Deduction, Abduction. In Flick,U. (Ed.). *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis*(pp. 123 – 135). .London :SAGE Publications Ltd.
- Rossmann, G. B. & Rallis, S. F. (2012). *Learning in the Field: An introduction to Qualitative Research (3rd Ed)*. London: Sage Publications, Ltd.
- Saldaña, J. (2013). *The Coding Manual for Qualitative Researchers* (2<sup>nd</sup> Ed.). London: SAGE Publications. Ltd.
- Saldaña, J. (2011). *Fundamentals of Qualitative Research: Understanding Qualitative Research*. Oxford: Oxford University Press.
- Singly, F. (2010). Choisir des «lunettes» sociologiques pour mieux voir la réalité sociale. In Singly, F., Giraud, C. & Martin, O (Coord.) (pp. 18 – 27). *Nouveau manuel de sociologie*. Paris: Armand Colin.
- Stake, R. E. (2010). *Qualitative Research: Studying How Things Work*. New York: The Guilford Press.
- Stern, P. N. & Porr, C. J. (2011). *Essential of Accessible Grounded Theory* (2011). Walnut Creek, California: LeftCoast Press inc.
- Strauss, A. & Corbin, J. M. (1998). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory* (2nd Ed.) London: Sage Publications, Ltd
- Yin, R. (2011). *Qualitative Research from Start to Finish*. London: The Guildford Press.
- Weber, M. (1979). *Sobre a teoria das ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença
- Wertz, F. J. (2011). A Phenomenological Psychological Approach to Trauma and Resilience. In Wertz, F. J., Charmaz, K., McMullen, L. M., Josselson, R., Anderson, R. & McSpadden, E. (Ed.). *Five Ways of Doing Qualitative Analysis* (pp. 103 -164). London: The Guilford Press.
- Znaniecki, F. (1934). *The Method of Sociology*. New York: Rinehart & Company, Inc.